

Brizola admite que perdeu tempo na busca de aliados

Dora Tavares de Lima
e Teresa Cardoso

BRASÍLIA — Depois de passar seis meses atrás de alianças capazes de facilitar seu caminho para o Palácio do Planalto, o candidato do PDT, Leonel Brizola, reuniu sua equipe no apartamento da Avenida Atlântica, segunda-feira passada, e determinou: "Vamos acabar com esse negócio de perder tempo com alianças que, no fundo, não significam nada. A eleição passa por cima delas. Campanha se faz no diálogo direto com o povo."

Brizola, que no início do ano queria se aliar "até com o diabo" e encarregou o deputado Fernando Lyra (PE) de cortejar políticos por todo o país, chega a quatro meses da eleição com uma contabilidade frustrante: à exceção do apoio da deputada Cristina Tavares, em Pernambuco, e do ex-governador Gonzaga Motta, no Ceará — que aderiram sem levar um único voto além dos seus próprios —, todas as outras tentativas deram errado. Do PDT, Brizola ouviu na reunião que essa estratégia foi pura perda de tempo e trouxe apenas desgaste ao candidato, por conta das conversas que manteve à direita.

E foi aí, na direita, que o candidato teve suas maiores decepções: as perdas de Roberto Magalhães, Camilo Calazans e Esperidião Amin. O ponto alto do encontro de segunda-feira no Rio foi o desabafo do deputado Bocayuva Cunha (RJ). "Já não se fazem mais canalhas como antigamente", disse a trabalhistas que pontificaram na política dos anos 50, como Doutel de Andrade, Neiva Moreira e o próprio Brizola. Segundo Bocayuva, Roberto Magalhães almoçou, jantou e negociou com Brizola, mandando no dia da convenção um telex cheio de elogios. "Ele era mais brizolista do que eu".

Inimigo — De cortejado, Magalhães passou a inimigo mortal do PDT. O candidato a vice-presidente na chapa do partido, deputado Fernando Lyra, não economiza adjetivos: "É um oportunista que acabou cumprindo a tarefa de advogado da Fiesp. Não sei o que queria de nós." Bocayuva acha que sabe o que ele queria: "Apenas ser vice". Outro que hoje desperta a ira dos brizolistas é o ex-presidente do Banco do Brasil e candidato a vice de Ronaldo Caiado, Camilo Calazans.

Quando Calazans foi rejeitado pelo PSDB, recebeu telefonemas de Vivaldo Barbosa, líder do PDT na Câmara, e de Lyra. A este chegou a prometer dar



Magalhães: a maior perda

uma estátua de Getúlio Vargas a Brizola. "Quando eu menos esperava, ele vira vice do Caiado. Calazans queria ser vice de qualquer um", constata Fernando Lyra. O prefeito de Florianópolis, Esperidião Amin, que fez campanha no ano passado antecipando seu apoio a Brizola, virou casaca sem dar a menor satisfação ao PDT. Também "um oportunista", na opinião de Lyra. "Ele passou para o Collor por causa das pesquisas de opinião", acredita o deputado.

Na semana passada, o deputado Luís Salomão (RJ) ainda fez uma tentativa de obter alianças. Viajou pelo Ceará, Piauí, Maranhão, Amapá e Pará, mas voltou só com remotas esperanças. Foi o caso do Piauí, onde o senador Hugo Napoleão (PFL) apoia formalmente Aureliano Chaves. Lá, 10 dos 11 deputados que já haviam dado apoio a Brizola foram contidos. O próprio Napoleão só recuou porque recebeu a presidência do partido. Agora, a esperança brizolista é que Aureliano renuncie.

Galinhas — No Amapá, o deputado Eraldo Trindade esteve para assinar a ficha do PDT. Ele explica o recuo com o argumento de que "Brizola mudou o discurso, está atacando muito os adversários". Admite apoiar Collor de Mello, mas prepara-se para entrar no Partido do Povo. No Diretório regional do PDT, corre a versão de que o partido é que perdeu o interesse por

Eraldo, acusado de envolvimento num furto de galinhas destinadas à merenda escolar em Macapá.

Há dois meses, Brizola ainda nutria a ilusão de conquistar os dois maiores colégios eleitorais do país — São Paulo e Minas Gerais — recorrendo à política de alianças. Em Minas, Darcy Ribeiro cortejou a vice-governadora Júnia Marise que, segundo um deputado pedetista, estava encantada com Brizola. O senador mineiro Itamar Franco, vice de Collor, entrou no circuito, mostrou mais charme na arte da conquista e levou Júnia para o PRN. Mas os pedetistas não acham que lhes faltou competência. "O que aconteceu é que na política o partido de maior bancada é o PPO — Partido da Pesquisa de Opinião. Para a ponta, pende a balança", observa o deputado César Maia (RJ).

A perda do ex-governador Hélio Garcia é atribuída, dentro do PDT, a uma manobra de Fernando Lyra que, encarregado de fazer essa articulação, teria o tempo inteiro jogado em favor do próprio nome para vice. Enquanto Lyra dizia estar fazendo contatos com Garcia, o deputado estadual Artur Lima Cavalcanti (PE), amigo de Hélio, descobriu que o ex-governador não havia recebido um recado sequer do PDT. Resultado: a história resumiu-se a um telefonema superficial entre Garcia e Brizola.

Baixas — Em São Paulo, as baixas também foram grandes. Ali, Brizola imaginava fazer sua melhor jogada: coligar-se com o PTB, recuperar a sigla dentro de um movimento chamado Unidade Trabalhista e ganhar parte do movimento sindical fazendo do presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, Luís Antonio Medeiros, seu vice. Ganhou apenas o voto de Medeiros, que fica no PTB e diz que não deseja envolver-se na campanha. O presidente do partido no estado, Aírton Soares, teve de enfrentar a interferência direta do Palácio dos Bandeirantes. "Pelo menos três deputados do PMDB que viriam para nós, tiveram, de repente, suas reivindicações atendidas pelo governador Orestes Quércia".

A aliança com o PTB era fava contada, já tinha até o apoio do líder do partido na Câmara, Gastone Righi. Mas Collor, aliado ao presidente do partido, Paiva Muniz, e ao senador Affonso Camargo, que queria a candidatura, conseguiu impedir a coligação. Do mesmo jeito, aliando-se aos antibrizolistas do partido, Collor impediu a coligação com o PDC, cujo presidente, senador Mauro Borges (GO), está com Brizola.

Queda nas pesquisas causa debandada

□ No início do ano, quando Brizola encabeçava as pesquisas de opinião, com um índice em torno de 20%, muita gente queria aderir ao PDT. Agora que o candidato baixou para um percentual ao redor de 10%, os aliados começam a virar-lhe as costas. Neste quadro, a dança das adesões que acabaram frustradas:

Amazonas — O governador Amazonino Mendes (PDC) chegou a prometer apoio mas, de repente, subiu no muro. O vereador Mário Frota *colloriu*. O prefeito de Manaus, Arthur Virgílio Neto, acabou com Mário Covas.

Amapá — O deputado Eraldo Trindade (PFL) quase assinou a ficha do PDT. Hoje pensa em aderir ao Partido do Povo.

Piauí — O senador Hugo Napoleão desistiu de aderir quando ganhou a presidência do PFL. No PDT a esperança é que Aureliano renuncie e Napoleão e seu grupo caiam nos braços do brizolismo.

Ceará — O coronel e ex-governador

Adauto Bezerra ameaçou brizolar, mas hoje está mais próximo de Collor.

Rio Grande do Norte — O senador Lavoisier Maia ingressa no partido quarta-feira, mas seu primo, o senador José Agripino Maia, recuou e subiu no muro.

Pernambuco — Foi onde Brizola perdeu mais. Quase consegue o apoio de Roberto Magalhães, que preferiu ser vice de Covas, e do prefeito do Recife, Joaquim Francisco, que também deve *tucanar*.

Alagoas — Os senadores Guilherme Palmeira e Divaldo Suruagy, e o deputado Thomas Nonô, todos do PFL, encerraram conversas com os brizolistas, mas ainda não se decidiram.

Tocantins — O governador Siqueira Campos há dois meses prometeu o PDC a Brizola, mas aderiu a Collor.

Mato Grosso — Através do deputado Júlio Campos tentou-se, sem sucesso, a reedição da aliança PDT/PDS no estado.

Minas Gerais — A vice-governadora Júnia Marise quase entra no PDT pelas mãos de Darcy Ribeiro, mas

preferiu ouvir o senador Itamar Franco e apoiar Collor. O ex-governador Hélio Garcia falou uma vez ao telefone com Brizola e foi só.

Espírito Santo — O senador Gérson Camata (PMDB) prometeu levar até sua mulher, a deputada Rita Camata (PMDB), para o PDT. Demorou muito, passou a namorar Collor e no partido ninguém conta mais com o casal.

São Paulo — Perdidos a coligação com o PTB e, principalmente, o sindicalista Luís Antônio Medeiros como candidato a vice. Hoje Medeiros garante só seu voto a Brizola.

Paraná — O deputado Alceni Guerra (PFL) optou por *collorir*.

Santa Catarina — Esperidião Amin fez campanha para prefeito dizendo que apoiaria Brizola para presidente. Depois tentou ser candidato pelo PDS e agora está com Collor.

Rio Grande do Sul — O ex-deputado Nelson Marchezan foi outro que, da porta de entrada no PDT, deslocou-se para o muro. (D.T.L. e T.C.).